À Marga

«O voo de Londres para Los Angeles, passando pelo polo Norte, na sua abstração estratosférica e hiper-real, é já parte da Califórnia e dos desertos. A desterritorialização começa com o desligar o dia da noite. Quando a sua separação já não é uma questão de tempo mas de espaço, de altitude e velocidade, e ocorre de forma límpida, como se verticalmente, quando se passa pela noite como se ela fosse uma nuvem, tão depressa que se pode vê-la, como um objecto a rodar à volta da Terra, ou, por contraste, quando ela é reduzida a nada, mantendo-se o sol no mesmo ponto do céu durante as doze horas do voo, então estamos já no fim do nosso espaço-tempo, dessa realidade encantada que era a do Ocidente.»

Jean Baudrillard
América

«É óbvio o que faz a informação: consome a atenção das pessoas. Assim, a abundância da informação cria a pobreza da atenção.»

Herbert Simon
Prémio Nobel da Economia

«As cores do mundo só parecem verdadeiramente reais quando se *veem* no ecrã.»

Alex DeLarge
Laranja Mecânica, Stanley Kubrick

«O alfabeto foi inventado como código da consciência histórica. Se nós devemos abrir mão do alfabeto, isso se dará provavelmente porque estamos nos esforçando para superar a consciência histórica. Estamos cansados do progresso, e não apenas cansados: o pensamento histórico comprovou-se irracional e homicida. Essa é a razão verdadeira (e não a desvantagem técnica do alfabeto), pela qual estamos preparados para desistir desse código.»

Vilém Flusser
A Escrita

Índice

Introdução 15

Parte I — A Sociedade Pós-Literária 27

Capítulo 1 — A Mensagem São os Média 29

O Caos Civilizado 29

Sem Ponto de Fuga 33

A Mensagem 37

Aldeia é Aldeia 40

Um Rufar de Tambores 42

Surf 44

Ver Um Livro 47

Os Senhores da Atenção 50

Ver Tudo e Saber Nada 54

Nada na Televisão 58

A Tribo Que Vence 62

As Boas e as Más Notícias 65

Três Ordens de Informação 68

Capítulo 2 — O Matrix é Um Filme Que a Matrix Faria sobre a Matrix 73

A Praça dos Tempos 73

Imitar a Vida 76

Enriqueçam ou Morram 79

O Véu da Fama 83

A «Internetização» da TV 86

Onde Estás? 88

A Próxima Compra 92

O Desaparecimento 97

A Informação da Sociedade 100

Capítulo 3 — Um Fracasso é Um Sucesso 105
Um Fracasso é Um Sucesso 105
O Niilismo como Espetáculo 110
Notícias, Desliga! 113
O Processo Televisivo 117
Votar no V-Chip 121
Obsessões Modernas 124
Todos os Vícios do Mundo 127
O Coliseu 131
Voando sobre Um Abismo 134
O Carrossel Mediático 137
Parte II — A Sociedade Pós-Nacional 141
Capítulo 4 — América ou a Europa sem Passado 143
A Diferença Americana 143
O Império Invisível 146
Saber Tudo 149
Inimigos 152
Setembro Americano 155
River Oaks 158
Sonhos Americanos 161
O Que é a Europa? 163
Capítulo 5 — Portugal nos Mares da Informação 167
O Centro do Mundo 167
O Downsizing *de Timor* 171
O País de Clima Temperado 173
O Fim de Portugal 176
O Império da Saudade 178
Os Restos da Saudade 180
Simbologia Portuguesa Contemporânea 182
O Desígnio Mais Nacional 185
Questão de Topo 187
Economia? Cultura 190
Culturas na Sociedade Global 193
A Decisão 195
A Bandeira 197
As Conclusões 199

A Catarse do Fogo 202
A Visão Portuguesa 205
Parte III — A Sociedade Pós-Democrática 209
Capítulo 6 — Uma Promessa Maior Que o Mundo 211
Os Destroços do Céu 211
Marte e o Passado 214
Uma Vida Muito Longa 217
Parte III 220
A Resposta é Global. Qual é a Pergunta? 223
Década Alucinante 227
A Galáxia de Castells 229
A Reconfiguração 232
A Nova Nova Ordem 236
Cultura Dow 239
Uma Promessa Maior Que o Mundo 241
A Eterna Meia-Noite 243
Uma Quimera Chamada Atual 244
Uma Tribo Global 247
Nunca Mais 250
Capítulo 7 — As Condições da Liberdade 253
A Diferença da Liberdade 253
As Condições da Liberdade 256
O Sistema Que não Existe 258
Um Brilho Que Vai e Vem 261
A Cor da Guerra 264
A Pata 266
Um Destino para a Europa 269
A Decadência 272
Mil Clintons 274
A Crise, Hoje 278
O Presente 280
A Verdade da Liberdade 282
Parte IV — A Sociedade Pós-Ocidental 287
Capítulo 8 — O Fim do Ocidente ou o Ocidente como Fim 289
Tarde no Ocidente 289

O Mais Estranho 292
Escura é a Noite 295
Por Um Punhado de Desenhos 297
Como Se Já Tivesse Acontecido 299
Agora, para Cima do Muro! 302
Desordem, Informação e Desordem 303
A Democracia Também 305
Em Qualquer Democracia 308
O Paradoxo do Contexto 310
Mas Entretanto 312
Esta Guerra 315
A Suspeita 318
Vestir Preto 320
Metafísica da Globalização 322
TEOTWAWKI 325
Setembro em Beslan 328
Madrid, Israel 330
Capítulo 9 — Ser e Conhecer 335
O Objeto da Educação 335
As Raízes e as Mãos 338
Um Imenso Lugar 341
As Modas Vão, a Moda Fica 343
Vem Aí o Mundo 345
Um Tabu Chamado Não 348
No Divã 350
O Homem Novo 352
Toda a Vida 356
A Minha Terra 359
A Solução, Eis o Problema 362
Caosware 365
O Domínio da Estrutura 367
Sistemas Fechados 371
Ter Saúde 375
Quantos Países Tem Um Homem? 377
Futuro Anunciado 379
E o Talento 382

O Nobel e a Questão 385
O Outro 387
Aí-zar 389
A Efeminização da Sociedade 392
Quem a Quem 394
iMortal 396
A Arte do Paradoxo 399
Deste Lado de Jerusalém 402
Tomar Conta 404
Cuidar 408
Bibliografia 413

Introdução

A suspeita paira na Europa e na América. A globalização cerca o cidadão comum como um pesadelo. Nem Paris ou Londres, Berlim ou Nova Iorque são mais o centro do mundo. O mundo global não gira à volta de nada, é pós-ocidental, pós-nacional, pós-democrático e pós-literário. O G2 é afro-americano e chinês. A Índia, o Brasil e continente africano em breve terão lugares permanentes no Conselho de Segurança da ONU. A complexidade da sociedade mundial não é mais descritível.

As mudanças políticas, sociais e culturais, alavancadas pelas tecnologias digitais, levam muitos a questionar o regime democrático atual. Da portuguesa «geração à rasca» aos nova-iorquinos «occupy Wall Street», aos manifestantes de um Brasil em passo rápido, passando pelos «indignados» e pelos movimentos «globais» antiglobalização, são muitos os que exigem outra ordem das coisas.

Hoje vivemos em sociedades altamente complexas, pós-democráticas, uma configuração de poder, de equilíbrios entre indivíduos e grupos, que se distingue do modelo político tradicional, que vigorou em muitos países ocidentais até às décadas finais do século passado. A menorização da política, e de alguma forma da ética, num mundo pós-ideológico, é um fenómeno que tem ganho expressão desde o último quartel do século passado.

O poder transferiu-se para o mundo da economia, da inovação e tecnologia, da finança e das organizações globais, legais e ilegais, morais e imorais. A globalização é a única narrativa que sobreviveu à Guerra Fria. E fê-lo em força: é a natureza das coisas, a perspetiva de fundo para hoje fazer sentido do

mundo. Da finança à cultura, da economia ao direito, das modas ao desporto, tudo hoje em dia ganha significado no âmbito global, isto é, na sua dimensão tecnológica, ou seja, conforme à eficiência sem fim. É neste quadro pós-democrático e global que os mais preparados, aptos e livres ganharam um novo poder: o de «votar com os pés». Quem não gosta, não consegue, não vê possibilidades ou oportunidades para ter um futuro condizente com as suas expectativas, simplesmente vai-se embora. O mundo todo está na Internet e em centenas de canais de televisão 24 horas por dia. Madrid, Barcelona, Londres, Xangai, São Paulo, os Estados Unidos, todo o mundo em desenvolvimento, meritocrático, onde o futuro se pode fazer todos os dias está a distância nenhuma. Cerca de um quinto dos licenciados portugueses trabalham no estrangeiro. Estamos a financiar sociedades mais ricas que nós. Muitos dos que se vão embora obviamente não voltam. Mas outros vêm. Se o nosso sistema de poder e concorrencial não mudar, se a meritocracia não assentar entre nós, se continuarmos a viver de compadrios e protecionismos serôdios, então continuaremos a ter empregos pouco qualificados e salários baixos, para imigrantes de todo o mundo e para nós mesmos. O «voto com os pés» é o voto significativo dos dias de hoje. Em duas gerações um país pode mudar do dia para noite, erguer-se ou desaparecer.

Nos Estados Unidos da América, desde a eleição de John Kennedy até à de George W. Bush, a abstenção não parou de subir. A reeleição de Bill Clinton foi a primeira da história americana em que mais de metade do eleitorado não votou. O caso extremo foi a reeleição de Bush, que chegou à presidência com menos votos do que Al Gore, o candidato que ficou em 2.º lugar. Em Portugal, nas últimas eleições presidenciais esta tendência foi notória. Cerca de 80 % dos eleitores não votaram, votaram nulo ou branco, ou em candidatos fora do sistema partidário. Desde os anos 60 que o aumento da abstenção é uma tendência pesada. A única exceção neste quadro foi a eleição de Barack Obama que, no entanto, talvez se possa considerar ter sido eleito não pela política americana mas pela

política terrestre, se assim se pode chamar. Depois do 11 de Setembro, com Barack Obama na Casa Branca a história da integração plena da população negra na sociedade central do império global e por isso da sociedade e do poder mundiais de certa forma foi concluída. Até que ponto Osama bin Laden (1957-2011) proporcionou Barack Obama? Como referiu Eduardo Lourenço, Barack Obama é 25 % islâmico — «melhor história não se inventa».

Como há 10 anos antecipámos no *Público,* quando escrevemos o «Ocidente, que todos os dias acaba, um dia, com um Presidente de raça negra nos Estados Unidos da América, chegará formalmente ao fim», a eleição de Barack Obama para Presidente da América marca um novo tempo do mundo, um tempo pós-ocidental, cristalinamente visível quando se reúne o G2, os dois países mais poderosos do mundo: a América e a China.

Neste quadro mundial, numa sociedade de notícias, por isso de destaque e promoção de exceções, imersos num universo audiovisual de consumo sem fim, de dinheiro fácil e festa permanente, o cidadão comum sente-se perdido. Se as coisas não eram para ter sido assim, então alguém tem de ser responsável. Há 20 anos, depois de ganha a primeira Guerra do Golfo e quando as Bolsas subiam, tentou-se a solução mais fácil: os culpados eram os que tinham perdido, a União Soviética e os contestatários dos mercados e da globalização. Aqueles «irresponsáveis» eram afinal os responsáveis, os grandes culpados pelo atraso no desenvolvimento e no enriquecimento geral de todos. Mas os dias passaram. O emprego tornou-se precário, o mercado questionável, a profissão cansativa, a cura para a sida sem surgir, o clima a mudar, a imigração sem parar e a insegurança a aumentar. Assim, alguns anos passados, os responsáveis passaram a ser quem estava encarregue das coisas. Um pouco por todo o mundo desenvolvido, as audiências sobem cada vez que um famoso é apanhado ou que está prestes a ser apanhado. Os cidadãos anónimos, que, referindo Nietzsche, durante os últimos séculos foram a fonte de poder das elites legitimadas pelo sufrágio universal, estão a tornar-se a fonte de

poder dos média, agora legitimados pelas audiências. No reino do escândalo os então bonitos são agora feios. Os que ontem eram magros agora estão gordos. Os fortes foram atingidos pela doença. Os governos, os famosos, os poderosos, em princípio, são culpados. Por todo o mundo, a linguagem dos ecrãs capta a atenção, incentiva a mudança e sobrevive na crise permanente. Todo o mundo está constantemente ligado, sempre no presente. Instantânea e simultaneamente, quando de Xangai a Lisboa, de Luanda a Nova Iorque, do Rio de Janeiro a Moscovo, a mesma narrativa corre relevante para todos, então, estamos já num tempo para lá do horizonte onde nascemos, numa sociedade mundial genuinamente pós-nacional.

No mundo global, ser espanhol, brasileiro, angolano, chinês ou português constitui uma das muitas referências que definem a identidade de cada um. As pessoas já não estão à espera que isso centre a sua vida, que as confine a um espaço ou limite os seus horizontes. O Estado-Nação está a caminho de se tornar, de certa forma, algo semelhante ao que era a aldeia nos anos 50 ou 60 do século passado. As gentes partiam, para mudar de vida dentro do seu próprio país. O que define as pessoas hoje já não é essa pertença nacional. Ser chinês, brasileiro ou outra coisa qualquer é quase uma curiosidade, tal como antes ser alentejano ou algarvio era um detalhe biográfico de quem se deslocara da sua aldeia para trabalhar no «mercado nacional». O que hoje define as pessoas é a sua mobilidade, ambição e, claro, a sorte com que aproveitam a vida.

Por outro lado, é evidente que as estruturas supraestatais têm hoje um peso determinante na forma como modelamos o pensamento e a ação. E não apenas instâncias como a União Europeia ou a ONU, mas também instituições como a Organização Mundial do Comércio, o FMI, o Banco Mundial ou a generalidade das empresas globais. São elas quem dita, cada vez mais, o modo como nos organizamos, nos definimos e atuamos. O Estado, ao perder capacidade institucional na criação e estruturação da ação coletiva, entrou em crise de forma patente e talvez irreversível, acentuando a perceção de vivermos numa

era pós-democrática. O Estado não só está a ser projetado para cima, isto é, a passar competências para instâncias supranacionais, como está também a delegar funções para baixo. É visível uma tendência para transferir competências estatais para as instâncias locais, para organizações não-governamentais e mesmo para movimentos de cidadãos. Esta mutação dos Estados gera, obviamente, fenómenos de ansiedade e inquietação, suscitando uma procura de referências alternativas de identificação e geração de sentido. É neste contexto, e tirando partido das redes globais de comunicação, que se assiste ao regresso do grupal, do coletivo, do tribal.

Imersos em ondas de informação, sujeitos a estímulos constantes, numa agitação permanente, as pessoas anseiam por que o caos desacelere e a complexidade desça. Mas não é mais possível: a sociedade da informação estruturalmente é caótica e indescritível. Há demasiada informação, sensação, emoção, densidade e possibilidades. A complexidade social não é acidental, é estrutural ao tipo de sociedade em que vivemos. Este ambiente cultural e sensorial soa-nos tanto mais estranho quanto a civilização ocidental nasceu e desenvolveu-se num mundo sensorial, cultural e educacional desequilibrado pela linearidade do alfabeto fonético. A cultura de há milhares de anos, o contexto de todas as atividades profissionais e de lazer está longe de ser neutral ou indiferente ao tipo de sociedade que somos. O alfabeto sequencia e lineariza a realidade, ordenando a perceção humana de uma forma específica. A imersão sensorial total, inicial no homem pré-alfabeto fonético de há 5000 anos, foi substituída pela reflexão distanciada e individual. Não se trata tanto de ver ou entender as coisas de forma diferente, mas de experimentar e percecionar o mundo, as coisas sobre as quais recairá a reflexão, de um modo específico. Estabelecendo o domínio da linha, a invenção do alfabeto possibilitou o distanciamento, o raciocínio linear e a partir daí o surgir da lógica e a matematização do mundo. Com o livro e a imprensa, com textos debaixo do braço, com cada um em sua casa lendo e refletindo, sozinho, surgiram milhões

de pensadores independentes, o que veio a gerar, primeiro, o individualismo e depois, com a harmonização da linguagem e dos temas pela imprensa, o surgir do nacionalismo e dos países europeus modernos. A invenção do telégrafo, dos computadores e da Internet rompeu com este mundo. Dentro da nova era eletrónica somos atirados de novo para o envolvimento intenso, emocional, de tudo ao mesmo tempo com todos simultaneamente; a linearidade, a sequencialidade e a lógica estão a perder relevância. A cultura eletrónica da televisão, do vídeo, dos videojogos, DVD, da Internet, dos *iPod* e dos *iPad,* do MP3, dos telemóveis está a alterar a forma como trabalhamos, como nos relacionamos, como desfrutamos dos momentos de lazer, como entendemos o que nos rodeia. Tudo isso apela a uma cultura visual de consulta, de consumo, de envolvimento bastante mais instantânea, grupal, oral e aural do que a leitura individual, tradicional da era da escrita. Os média eletrónicos geram a abundância porque a informação é transmitida à velocidade da luz e porque os custos marginais para gerar mais e mais informação tendem para zero. Assim, o ambiente gerado pelos média tecnológicos tende a substituir virtual, metafórica e simbolicamente, isto é, realmente, a natureza. Neste processo de substituição tecnológica, de atualização eletrónica constante, a lógica de entendimento não é mais a da análise e da solução, mas a do padrão e da intuição. Os média eletrónicos desencadeiam novos modos de entender e agir. Porque se trata de um desenvolvimento no plano da linguagem, as tecnologias de informação e comunicação são algo, uma vez experimentadas como ambiente, que não mais pode ser esquecido. Os efeitos dos média eletrónicos, como de resto os de toda a tecnologia, não acontecem em função do que se passa nos planos da análise e da opinião. A televisão com 100 ou 500 canais, a Internet e os telefones móveis alteram definitivamente os modelos e padrões de perceção; mudam-nos individual e coletivamente, sem qualquer tipo de compromisso ou negociação.

A cultura contemporânea não assenta mais na linearidade. O ambiente eletrónico é caraterizado pela circularidade, pelo

pensamento holístico, integração multidisciplinar, aceitação da descontinuidade, pela emoção e pela intuição. A escrita linear, a linguagem dos livros, está a deixar de ser a tecnologia de comunicação predominante, a favor das imagens, dos vídeos, dos diretos, etc. O mais decisivo conteúdo dos média, a mais importante consequência de qualquer tecnologia, nunca é a história contada ou as funções disponibilizadas, mas sim nós mesmos, utilizadores, transformados por aquilo que inventamos — se o meio é a mensagem, o conteúdo é o utilizador, como referiu Marshall McLuhan (1911-1980). Este novo equilíbrio sensorial não depende da opinião de ninguém, nem de medidas legislativas, incentivos ou proibições. Tentar limitar a superficialidade, a variação, a surpresa, a emoção e o constante rufar de tambores dos média globais seria o mesmo, comentou McLuhan, que na era industrial ter tentado suprimir os relógios.

O mundo global, pós-literário, pós-democrático e pós-nacional, é também pós-ocidental. De algum modo, uma boa parte dos conceitos e valores que definiram a modernidade, que se afirmaram na Revolução Francesa e na fundação dos Estados Unidos da América, tornaram-se valores universais, difundidos pela CNN e pelos canais globais de desporto, de música *rock* e de cultura juvenil.

Se num primeiro momento, as redes de televisão por satélite mantiveram as origens de cada um na sua sala de estar, num segundo momento os jovens nascidos no novo mundo revelaram-se nos sonhos e na sua história diferentes dos seus progenitores. Vinte e quatro horas por dia de MTV transformam qualquer um. Há alguns anos o jovem negro americano 50 Cent, nove vezes atingido pelas balas dos *gangs* de Los Angeles, no pico do estrelato da música *rap,* colocou em palavras a mensagem funda do atual, desregulado e caótico sistema global: enriqueçam ou morram! (foi o que fez um fã em Luanda, em maio de 2008, que assaltou 50 Cent em palco, roubando-lhe um colar avaliado em 600 000 euros). ([1])

([1]) Youtube: http://www.youtube.com/watch?v=UIPPziN22sA

Na América mundial a tradição é romper a tradição. A atividade típica da era digital é a invenção de atividades. Quando todo o mundo está unido na Internet, o convencional é ser anticonvencional, a regra é a exceção e o exagero é a marca de água da cultura global digital. Se pensarmos em noções como a mobilidade social e geográfica, a liberdade individual ou a eficiência, vemos que se trata de valores que foram genericamente assimilados por todo o mundo. Nesta perspetiva, podemos considerar que, ao atingir os seus objetivos, ao tornar universais uma série de valores fundamentais, o Ocidente enquanto projeto, historicamente determinado, chegou ao fim. O mundo não é a América, mas é americano. A América não é a Europa, mas é ocidental.

É claro que na China a liberdade de expressão não é um direito consagrado e o respeito pelos direitos humanos tem muito que progredir. Mas a longo prazo, com a «paciência do chinês», também estes aspetos mudarão; ou muda o resto do mundo. Em inícios de 2011, quando da visita de Barack Obama à China, o presidente chinês reconheceu, para espanto de muita gente, que a China estava a avançar mas que tinha ainda muito que fazer no domínio do respeito pelos direitos humanos. Se olharmos o litoral chinês, vemos que aí vivem mais de 400 milhões de chineses — um número praticamente equivalente à população europeia — cujo estilo de vida (atingido em apenas 20 anos) traduz a aspiração de um viver cuja arquitetura simbólica é fundamentalmente ocidental — ou melhor, americana; isto é, europeia mas sem passado.

A América é a perspetiva da época. É o colocar do futuro no centro da História. A essência da América, no sentido daquilo que a carateriza e une, é o futuro. Os povos sempre olharam o futuro ora com esperança e ambição ora com receio e desânimo. A América não tem passado. Com a América a equação fundamental da temporalidade humana alterou-se. A história da América é o futuro. Trata-se de uma mudança de perspetiva que corresponde a uma mudança de mundos e veio a constituir-se na diferença que substantivamente marca a presente época.

O futuro tornado História com o emergir da América é o mais recente desenvolvimento da experiência tecnológica que se iniciou com o fim de uma tradição de milénios, assente na simples passagem das técnicas de geração em geração. As técnicas existiram desde sempre. A sua origem confunde-se com a História da humanidade. Mas elas existiram no âmbito da tradição, sendo lentamente ajustadas e modificadas em função do contexto social e material específico de cada tempo. O envolvimento dos homens no mundo mudou substantivamente quando a sua atenção foi desviada das várias técnicas em si mesmas para aquilo que essencialmente as unia: o técnico. Em rigor, ninguém sabe o que terá levado a esta mudança radical de perspetiva. A forma natural e espontânea de desempenhar determinadas tarefas foi então substituída por uma série de atos pensados e desenhados para melhorar a eficácia e a eficiência da atividade humana. Do surgir do domínio técnico até ao seu direcionar para a natureza como um todo foi um instante. O mundo surgiu então como o terreno natural para uma tecnologia focada na sua crescente eficiência. O peso do passado diminuiu e a força da inovação cresceu. A tradição constitui-se então na inovação; não apenas a inovação no desempenho das atividades várias, mas a inovação nas formas e nos processos tecnológicos. Sem o peso do passado, sem a evidência das técnicas usadas, sem a naturalidade dos processos herdados, o futuro entrou História dentro. A América surgiu então como a corporização desse novo aceno da existência: o futuro explicado pelo próprio futuro.

Hoje é essa dimensão de futuro tornado herança que marca os comportamentos, expectativas e ambições por todo o mundo. A nova tecnologia e as novas ciências são as terras do novo mundo, dos novos começos e da possibilidade da surpresa permanente. A constante invenção do futuro é fundamentalmente repetida, porque com a América, nos últimos 200 anos, foi o que mais funcionou. De certa forma a época atual, centrada na cultura pragmática e tecnológica, é indiferente à História. Pela primeira vez na experiência humana a alavanca de Arqui-

medes está colocada sobre o futuro. O poder desta ideia é a diferença, a novidade, que mais marca o caudal dos dias nas sociedades mais avançadas e é a promessa que recai sobre o resto do mundo, do Egito à Líbia, da China, da Índia e do Extremo Oriente ao Brasil e ao México. Na última década, com a CNN, a Internet, os telemóveis e a *Wikileaks,* todos os povos ficaram cientes disto. Não faltará muito para assistirmos à deslocalização, não de empresas ou instituições, mas de países inteiros… quem sabe quando um país pequeno e rico, de uma qualquer zona crescentemente inóspita, virá procurar outras zonas, terras hospedeiras, deslocalizando-se... uma espécie de Qatar no Alentejo; 1000 anos depois da saída pelas armas antigas o regresso pelas novas.

De certa forma, a América é hoje todo o mundo porque os americanos sempre nasceram em todo o mundo. Há mais de 60 anos o sonho californiano já havia entrado na China. «Como os americanos que / Marcham pelas estradas nacionais da Califórnia, / Percorro uma estrada recém-aberta / Que atravessa o planalto do Oeste da China», escreveu o poeta chinês Ai Qing em 1940. Grigory Yavlinsky, político russo, disse que na sua juventude quando ouviu pela primeira vez os Beatles «mudou a visão do mundo». São milhões de histórias destas que fazem a História. Na Europa, nos Estados Unidos ou na China, o sucesso exporta ideias e atrai pessoas.

A globalização, consequência da expansão tecnológica e a multiculturalidade daí resultante, bem como os novos comportamentos, as comunidades globais ditam cadenciadamente o final do Ocidente localizado no planisfério mundial. A paz, a segurança, a dignidade, o trabalho, a saúde, a esperança de vida, o conforto e as promessas de sucesso fácil, as lotarias constantes e a ignorância de ambos os lados atraem para a Europa Ocidental, para os Estados Unidos e Canadá quem por todo o mundo foi tocado pelo sentido global no âmbito do qual hoje se entende as coisas. O império tecnológico, com as redes de televisão, satélites, computadores, telemóveis e histórias espalha um modo específico de ser que se tornou essencial.

Os seus modelos e projetos espalham-se pelos quatro cantos do mundo. De todo o lado, milhares põem-se em marcha para as terras onde o que conta, o mundo que nos envolve, todos os dias está a ser criado. É sobre este mundo pós-literário, global e pós-ocidental, pós-nacional e pós-democrático a caminho de um governo mundial que se debruça este livro. Ele assenta numa seleção de textos das colunas que ao longo de 10 anos o autor manteve no jornal *Público,* bem como noutros trabalhos para fóruns diversos. Quando pertinente, o material utilizado foi adaptado e atualizado. Alguns temas são alvo de novos textos.

PARTE I

A Sociedade Pós-Literária

Capítulo 1

A Mensagem São os Média

O Caos Civilizado

Um dia, tudo o que existe será conteúdo, por excelência, da televisão e do *YouTube*. A realidade, o que acontece fora do previsto, o inesperado, o sem explicação, a violência, o caos, os escândalos e a amoralidade, um dia, tudo isso será apenas informação, fluxos de comunicação entre fortalezas, condomínios fechados, manchas de caos e paragens distantes no correr do espetáculo do mundo.

Não interessa que nada mais se passe nos recintos desportivos dos Jogos Olímpicos da China em 2008. Os estádios continuam a encher-se. Os visitantes não param de chegar; todos os dias, dezenas de milhares pagam para entrar e sentarem-se, olhando para os relvados, os campos desportivos, as piscinas, onde nada de nada se passa, onde tudo agora está vazio. Mas um dia, nos tempos que fazem a História, foi ali que biliões de olhos em outros tantos ecrãs se fixaram, se cruzaram e sonharam.

No fim da História, na idade global, tecnologicamente ligada, fora do tempo e do espaço, a hiper-realidade é a realidade. Beethoven, Mozart, Tchaikovsky, Bach são música de fundo em centros comerciais, aeroportos e paragens de autocarro; qualquer obra-prima, ontem lançada pelo espaço fora à procura de vida, é hoje um toque de telemóvel.

As ondas eletrónicas cercam todos: ninguém está sozinho. «Um dia, na Europa» — dizia Friedrich Nietzsche (1844-1900) — «não mais teremos medo de nada: é isso o progresso». Comunicamos para não morrer, sugeria Vilém Flusser (1920-1991). E a rede de telemóveis global, a Internet, as imagens que absorvem tudo,

o mundo feito espetáculo, imaterial, a *Microsoft,* o *Google,* a *Apple,* tudo isso é hoje uma linguagem. Linguagem do futuro, da vida, do progresso, da mais funda esperança e desafio de todos os homens que alguma vez viveram: não morrer.

À nossa disposição está tudo: não apenas o futuro, mas o presente e o passado, a vida e História. De que forma? A História acabou; ecoa Kant e a paz perpétua. Talvez estejamos não no fim, mas fora da História. Nada tendo sido para ser assim, a alternativa, cristalina e hiper-real, é um tempo fora do tempo e um espaço que tudo envolve: o império da paz à força, do espetáculo permanente, focado num único e grande desafio, o maior de todos os tempos: a imortalidade — no fundo, sempre o mais essencial de tudo o que foi decisivo na tecnologia.

Se os média são a mensagem, então, a montante e como possibilidade de significado, a mensagem são os média. A composição mediático hiper-real do que existe legitima-se no seu próprio percurso, na imaterialidade e sensorialidade que cria, no apelo irresistível, na sua correlação constante com o aumento da esperança de vida. Este entendimento que altera e estende o modo humano de ser no mundo, ordena as ações dos homens porque é, ele mesmo, uma tomada de posição essencial sobre o que existe, sobre o mundo.

Qualquer atuação tocada pela ordenação mediática fica desde logo ligada, torna-se parte constitutiva deste tipo de existência planetária. A informação, resultado de uma tecnologia feita civilização e de uma civilização já antes feita tecnologia, é assim a causa, o conteúdo e a consequência da sociedade dos média, isto é, de uma sociedade assente, fundada, sobre as possibilidades dos média. Se cada média é a sua própria mensagem, isto é, se o que cada média é são as suas consequências sociais, políticas, culturais, económicas, pessoais, etc., então — em rigor e dada a História que somos — a mensagem do que somos, de novo social, política, cultural, económica, pessoalmente e mais, são os próprios média.

Quando a informação e a comunicação, o que nos envolve no mundo, são feitos conteúdos, isso significa que o que o

contém, seja a televisão ou os ecrãs de computador, delimita não apenas o assunto em causa como conteúdos de uma dada manifestação, que por isso as contém conforme a ela mesma e não àquilo que é contido, mas também, e mais importante, que o meio, aquele meio que gera os conteúdos que o alimentam, paradoxalmente se constitui não em mais um meio, um modo de acesso à realidade, mas no verdadeiro conteúdo da época, marcada precisamente pela avalanche dos novos média.

E a nova tecnologia, o novo comportamento e educação, o *tino* dos nossos dias, tomando as raízes da palavra grega *techné,* origem da palavra tecnologia, não são os textos, os gráficos e as contas dos computadores, são os vídeos, as imagens, os sons, a circularidade, a fantasia, a realidade da ilusão.

Qualquer conteúdo vale pouco hoje em dia. Mas todos os conteúdos são o mundo. Como a abundância é marca dos novos média, uma das mensagens importantes da informação televisiva é a desvalorização do tema, dos argumentos, da história e do seu desenlace, porque são sempre apresentados dois, ou mais lados, a lógica é a da contradição insuperável, e no fundo valem as duas respostas e quanto mais cerrados estiverem os números melhor. Depois vem nova história, nova suspeita, novo escândalo e as pessoas espantadas, impotentes e habituadas.

No espetáculo inebriante deste caos civilizado, no esplendor do caos, como o classificou Eduardo Lourenço, corre um conflito cultural fundo nos média pós-literários, nas dezenas de canais de televisão, nos contínuos do desporto, cinema, pornografia, na grande festa da tomada da televisão pela gente comum, hipnotizada pela fama instantânea e pela vida feita cinema. Esse choque moral, essa crise de valores, entre últimos samurais, sombras deles próprios, e legiões de camponeses forçados a viver nas cidades selvagens modernas é mal compreendido, senão simplesmente esquecido, naquilo que de uma forma vital, grandiosa e trágica, está a delinear o terror da era de DeLillo: os média. Os média são o contexto da vida, como esclarecidamente o referiu o biólogo, o filósofo da vida, Jakob von Uexküll (1864-1944) nos anos 30.

Num tipo de vida cercado pelos média, ou seja numa experiência que prolonga os sentidos e as capacidades humanas, o ponto vital para se entender, por isso, para se poder tirar partido deste ambiente, mundo, contexto, envolvimento ou modo de vida, obviamente é o estudo desses média enquanto aquilo que eles mesmos são, como são no mundo em que nos relacionamos, e não apenas a observação do conteúdo e da instrumentalidade desses mesmos média. O estudo da televisão não é o estudo dos conteúdos da televisão, tal como o estudo dos telemóveis não é o conteúdo dos milhões de conversas diárias que passam pelas células digitais. Evidentemente o conteúdo pesa, mas pesa mais a estrutura, as possibilidades e impossibilidades de cada média.

Numa sociedade como a contemporânea assente no poder da eletricidade, por isso, da velocidade e da homogeneização do dia e da noite num *happening* planetário sem fim, numa vida imersa em tecnologia simbólica, o presente é para todos os efeitos invisível. As coisas que já não são deste tempo, a distância entre os países, os telefonemas intercontinentais, as viagens de barco, a televisão a preto e branco, e, em geral, todo o resto do mundo que desapareceu no imediatismo dos média, na intensidade dos pormenores, na emoção que tolda as razões de todos os lados de todos os combates, ora são simplesmente esquecidas ora são agora visíveis face a uma nova invisibilidade de um novo ambiente, assente nos contornos e possibilidades de uma nova tecnologia pós-literária, que fez da escrita, dos livros, das histórias e da própria lógica o seu objeto de exibição, variação, manipulação, isto é, de um novo mundo neste mesmo mundo, vivido, percecionado e sentido no âmbito de uma nova estrutura sensorial humana. As consequências das tecnologias, de todas desde a da caça à quântica e à espacial, são estruturais, horizontais, revolucionárias e inamovíveis. Se o alfabeto desequilibrou os sentidos humanos a favor da visão, introduzindo a noção de linha e de sequência e com elas as estruturas da própria lógica, que vieram a gerar a Grécia antiga e a civilização ocidental; se a imprensa gerou o individualismo

de alguns, dos que mais liam evidentemente, e mais tarde, ao colocar milhares e milhares de pessoas a ler e a ler as mesmas coisas, veio a gerar o nacionalismo e assim os Estados modernos; se a revolução de Gutenberg, introduzindo a noção e a possibilidade da repetição programada e exata, veio a alavancar a revolução industrial; se antes do alfabeto, há mais de 4000 anos, o mundo nos surgia essencialmente sonoro, simultâneo, aural; se depois, com a escrita, o mundo passou a ser dominado pela visão, pela sequencialidade, pela análise, pela separação entre a reflexão e a ação, a qual, aliás, com o *Discurso do Método* de René Descartes (1596-1650), se tornou a casa-mãe da própria ciência e tecnologia, que nos colocaram onde hoje estamos; se isso pode ter sido assim, que dizer então dos dias que correm, da revolução eletrónica, da revolução da informação, da ubíqua Internet, dos milhares de sons e imagens que fazem o dia a dia de cada um de nós?

A síntese planetária substituiu a História. A distância, o espaço, a sequência, a reflexão, estruturais a uma civilização assente na literatura e na matemática, foram-se como se foi a televisão a preto e branco e o *Ford* modelo *T*. É tarde no Ocidente e o que passa não é uma brisa. Pode ser uma gigantesca terraplanagem. Há algo de novo que não tem solução, como no passado também não teve. Mas o desafio de hoje não está, obviamente, em compreender um mundo à luz de outro, mas sim em entender ambos à luz do mistério humano.

Sem Ponto de Fuga

Como o ar que nos rodeia, as ondas eletrónicas cercam os habitantes do mundo. Ninguém mais está sozinho. A Internet,